

Linguagem e contexto: análise da rivalidade entre personagens no romance “A amiga genial”, de Elena Ferrante¹⁰³

Júlia Maria Muniz Andrade¹⁰⁴
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Wellington Michel Souza de Paula¹⁰⁵
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Resumo

Neste estudo, pretendemos discutir à luz da concepção de contexto, proposta por van Dijk (2012) e partindo de reflexões literárias sugeridas por Candido et. al. (1998), a construção da relação de amizade no romance *A Amiga Genial* de Elena Ferrante, com foco na compreensão da rivalidade entre as personagens Lenu e Lila. Diante disso, aproximamo-nos de conceitos filosóficos e psicológicos para compreender as atitudes frente à relação entre as personagens, durante determinados momentos do romance. Tomaremos o parâmetro *rivalidade* sob dois aspectos; a rivalidade no sentido da *aquisição do conhecimento* e relacionada a um ideal de aparência física à luz das categorias de van Dijk (2012) como *ambiente, evento, participantes* e “*eu-mesmo*”. Pretendemos analisar o modo como estão integradas, na obra, algumas das propriedades sociais e comportamentais diante dos eventos comunicativos em curso, por exemplo, os papéis das duas principais personagens, por um lado, e as intenções e motivações por outro. Como participantes de eventos comunicativos no romance, Lenu e Lila se relacionam de várias formas, assumindo ao mesmo tempo os papéis de amigas e de contendoras. Considerando esses papéis, buscamos observar como a categoria sociocognitiva “rivalidade entre mulheres” estrutura os eventos comunicativos nos quais as personagens-amigas atuam.

Palavras-chave

Elena Ferrante. A Amiga genial. Contexto. Amizade. Rivalidade.

¹⁰³ Este trabalho resulta de uma investigação proposta na disciplina Tópicos de Linguística Textual, ministrada pela professora Dra. Anna Christina Bentes na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP), sobre a questão do contexto no campo de estudos do texto/discurso. Agradecemos a orientação da professora para a elaboração desse texto, assumindo, no entanto, os possíveis erros e equívocos remanescentes.

¹⁰⁴ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, Piauí. E-mail: juliabem@gmail.com

¹⁰⁵ Mestrando em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP/SP. Membro do Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino – LaCaSa (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>) – Campinas, Brasil. E-mail: wellingtonwmsp@hotmail.com

Introdução

A obra de Elena Ferrante é conhecida por personagens femininas fortes e marcantes, uma vez que as relações que essas personagens têm consigo mesmas, com suas famílias, seus amores e suas amigas não são lineares e, por isso, são complexas e profundas. Na série de obras denominada Tetralogia Napolitana, a relação entre as personagens principais – Elena Greco, ou Lenu, a narradora e Rafaella Cerullo, Lina como era chamada por todos, ou ainda Lila, como era chamada exclusivamente pela amiga – é o que guia o enredo por meio de uma história de amizade que, do modo como é lembrada por Lenu, permite-nos pressupor traços de uma rivalidade subjacente.

Embora o primeiro título da saga de romances – *A amiga genial* – já deixe explícito que a relação entre elas é de fato a amizade, o que também vai ficar evidenciado ao longo da trajetória narrada nos demais livros, notamos atitudes e construções discursivas expressas em alguns trechos que evidenciam uma certa disputa que permeia toda a admiração e a cumplicidade existentes na relação entre as duas personagens.

Para explicitar que tais atitudes e construções discursivas pressupõem a existência de uma rivalidade na relação de amizade que marca a história das duas personagens, buscaremos como suporte teórico-metodológico van Dijk (2012), ao sugerir que o contexto são modelos mentais subjetivos e individuais que controlam (pelo menos em parte) o discurso, bem como, sua recepção. Para que seja possível analisar tais modelos de contexto, o autor estabelece algumas categorias que seriam relevantes para compreender de que forma o discurso pode ser estruturado a fim de que atinja uma certa compreensão por parte do leitor.

Este artigo, então, propõe uma análise da relação de amizade entre as personagens Lenu e Lila – com foco na rivalidade que subjaz essa relação – fundamentada na noção de modelos de contexto proposta por van Dijk (2012). Optamos por tal abordagem, pois ela nos permite fazer uma análise relevante da relação entre as amigas, uma vez que ela lança luz acerca das percepções individuais sobre o “eu mesmo”, os eventos, o ambiente, (a relação entre) os participantes, bem como, seus papéis sociais, objetivos e intenções – sendo essas as categorias propostas por van Dijk (2012) para a análise do contexto –, possibilitando um diagnóstico mais refinado sobre o que está em jogo nesse relacionamento.

Para tal análise, vamos nos pautar no primeiro romance da série – nomeadamente *A amiga genial* – procurando evidenciar como as atitudes das

personagens, muitas vezes, são determinadas pela rivalidade que subjaz a amizade entre elas. Esta rivalidade pode ser compreendida sob diversos aspectos, mas aqui destacamos dois que consideramos mais fundamentais, sendo o primeiro deles a rivalidade no *sentido da aquisição do conhecimento*, e o segundo, a rivalidade relacionada a um *ideal de aparência física*.

Discutiremos, ao longo de nossa análise, como a tessitura textual controlada por Lenu é reveladora dessa disputa estabelecida entre as amigas, uma vez que, enquanto narradora-personagem, traça na produção do discurso suas intenções e o seu olhar diante dos eventos.

As atitudes descritas por Lenu possuem um direcionamento para o controle discursivo que motivam as suas expectativas. Assim, a narradora estabelece discursivamente a relação entre o *ambiente*, o *evento*, as *participantes* e o “*eu-mesmo*”. Essas categorias guiarão as reflexões aqui propostas diante do objeto de estudo.

Partindo dessas noções apresentadas acima, organizamos este artigo seguinte maneira: na seção 1, apresentamos um breve resumo do romance em questão, com foco na relação entre as protagonistas; na seção 2, introduzimos nossa análise buscando na teoria literária uma fundamentação que lança luz sobre o que está em jogo na formação das personagens; na seção 3, buscamos esclarecer a noção de contexto proposta por van Dijk (2012), a fim de aprofundar a discussão iniciada na seção anterior; E, na última seção, propomos uma compreensão da rivalidade entre as amigas a partir da produção de sentido e atitudes das personagens.

1. Breves comentários sobre a amizade genial entre Lenu e Lila

A amizade entre Lenu e Lila é, sem dúvida, um combustível para a projeção da narrativa, pois dentro desse aspecto da relação perpassam várias dimensões que comportam atitudes e sentimentos marcados e motivados pelos papéis que assumem.

Bullaro e Love (2016) afirmam que as obras de Ferrante têm “poética afetiva, relevância histórica contemporânea e as importantes questões políticas, linguísticas, interpessoais e de gênero que ela aborda com complexidade e facilidade” (p. 1, tradução nossa), além de ressaltar o “retrato único da amizade feminina” (p. 2, tradução nossa).

Esse último aspecto citado pode ser tomado como nuclear para a compreensão de *A amiga genial*, romance que apresenta uma narradora-personagem que, ao descobrir que a amiga de infância havia desaparecido sem deixar rastros, decide

contar a história de uma amizade que perdura por mais de 50 anos e que começou quando as duas ainda eram crianças.

À luz da filosofia, compreender a amizade trata-se de um aspecto que está para além de definições simplificadas, uma vez que a relação envolve admiração, amor, carinho, interesse, inveja, dentre outras questões divergentes. Por essa razão, torna-se necessário revisitar o que se compreende pela natureza instituída na amizade entre Lenu e Lila.

A amizade para Aristóteles (1999) assume um teor de cumplicidade estando ligada diretamente à virtude humana e à busca pela felicidade, assim se apresenta de três diferentes formas: amizade por utilidade/interesse, por prazer e a amizade verdadeira, que seria genuína, despreziosa e duradoura.

As amizades por interesse e por prazer não assumem caráter duradouro, uma vez que alcançados os objetivos, a amizade tende a se desfazer. Já a amizade verdadeira é a dos homens bons e por essa razão há reciprocidade na pressuposição da semelhança. Assim, conclui-se que as relações de amizade são precedidas da relação do homem consigo mesmo e os sentimentos amistosos emergem a partir da convivência dos participantes da relação.

Diante disso, cabe ressaltar que o percurso da amizade entre as personagens analisadas teve início no primeiro ano do ensino fundamental, quando a narradora se impressionou pela ousadia e falta de modos da pequena colega de classe. Aliás, essa determinação e coragem, muita raras para uma menina na época, levaram Lenu a uma admiração quase instantânea pela colega e, a relação que teve início no ambiente escolar, passou também a fazer parte das brincadeiras fora dos muros da escola, em outros contextos.

No que diz respeito ao ambiente, bem como aos eventos e à relação entre os moradores, Lenu conta-nos que a infância delas é marcada por sangue e morte. A morte, resultado da vida precária que elas levavam, em que as doenças ganhavam força, e do cenário de guerra que, apesar de anterior a elas, ainda ecoava nas lembranças do bairro; isso tudo é resumido por meio do que ela denomina “palavras que matavam: crupe, tétano, tifo exantemático, gás, guerra, torno, escombros, trabalho, bombardeio, bomba, tuberculose, supuração.” (FERRANTE, 2015, p. 25).

Já o sangue, era consequência de uma rotina de violência característica daquele local e marcava as relações de poder que moldavam o lugar: seja o sangue dos homens que eram cobrados por conta de dívidas que contraíam em jogos, seja das

mulheres que apanhavam de seus maridos que chegavam embriagados da rua ou mesmo de outras mulheres, pois como ressalta a narradora, “As mulheres brigavam entre si mais do que os homens, se pegavam pelos cabelos, se machucavam.” (FERRANTE, 2015, p. 29)

A convivência entre elas diante desse ambiente e desses eventos traça uma aproximação de expectativas e objetivos em comum, fortalecendo o laço de amizade e reafirmando a reciprocidade característica desse tipo de relação. Isso fica evidente no romance se tomarmos passagens que ilustram a parceria entre elas e o anseio pela realização de sonhos compartilhados. Como podemos exemplificar no trecho de uma conversa entre elas em que refletem o desejo de enriquecer juntas no futuro ao escreverem um livro: “ ‘Vamos escrever um, nós duas’, disse Lila certa vez, e a coisa me encheu de alegria.” (FERRANTE, 2015, p. 64).

No entanto, essa amizade, apesar da benevolência e cumplicidade, também é marcada por desencontros que geram sentimentos mais ambíguos, o que nos remete à percepção de que a relação entre as personagens não é linear, o que é típico das relações humanas, mas podemos reconhecer, a partir da visão de Lenu, a linha de demarcação entre elas.

À luz da psicologia, a compreensão da amizade vai além da troca afetiva com alguém que parece semelhante e compreende, portanto, as singularidades pessoais. Assim, para entendermos melhor a relação entre Lenu e Lila, precisamos pontuar, como já mencionado anteriormente, que a relação de amizade começa na infância e o encontro amistoso passa a dar lugar a profundas comparações e alguns sentimentos sombrios. O intercâmbio socioafetivo nesse contexto assume uma interface que confunde as emoções provocadas entre o que seria ora admiração, ora inveja.

Lila era semelhante a Lenu, ambas eram mulheres, possuíam a mesma idade, frequentavam os mesmos ambientes e tinham as mesmas amizades. No entanto, essa semelhança se (des)continuava quando Lenu, ao narrar sua história, mostra que elas eram muito diferentes pois Lila parecia sempre ser superior e sobressaía de forma melhor em tudo. Podemos perceber essa afirmação na fala de Lenu ainda no início do livro

A certa altura Lila também me pareceu belíssima. Em geral a bonita era eu, ela, ao contrário, era seca que nem aliche salgado, emanava um cheiro selvagem, tinha o rosto comprido, estreito nas têmporas, fechado entre duas bandas de cabelos lisos e muito pretos. Porém, quando decidiu deixar para trás tanto Enzo como Alfonso, se iluminou como uma santa guerreira.

Subira-lhe um rubor nas faces que era o sinal de uma labareda vinda de cada canto do corpo, tanto que pela primeira vez pensei: Lila é mais bonita que eu. ***Então eu era a segunda em tudo.*** E torci para que ninguém jamais percebesse. (FERRANTE, 2015, p. 44-45. Grifo nosso.)

O fato de se considerar segunda em tudo pode ser compreendido a partir de uma diminuição potencial por parte de Lenu. Assim, tomamos Winnicott (1975) ao traçar algumas formas de agressividade nas relações de amizade compreendendo, nesse caso, o que seria uma destruição potencial a nível fantasioso. Entendemos claramente essa noção a partir do comportamento de Lenu, pois está sempre motivada a “diminuir” Lila e, dessa maneira, precisa discursivamente de maneira situada “destruir” a amiga para reconhecer sua alteridade e valor.

Por essa razão, a relação de amizade está incluída no campo das experiências. Essas experiências estão relacionadas ao espaço potencial, portanto, a relação que elas possuem na infância condicionadas ao ambiente escolar se mantém de maneira (des)contínua na adolescência quando elas passam a ter outros desafios e experiências.

A amizade estabelecida na narrativa desempenha um papel fundamental para compreendermos o processo de amadurecimento das personagens e, como por exemplo, na adolescência, outras inquietações contextuais vão surgindo.

No contexto da amizade, a admiração de Lenu por Lila é um traço forte. Ao retomarmos um trecho da passagem acima podemos perceber admiração no reconhecimento de um ideal de aparência física estabelecido quando Lenu afirma que Lila era belíssima e parecia cada vez mais iluminada, enquanto ela perdia o brilho, passara a ser a segunda em tudo e gostaria que ninguém percebesse ao tecer alguma comparação.

Dessa forma, podemos dizer que o primeiro passo a ser compreendido na relação entre elas é o fator admiração que, certamente, na sequência das situações dadas no romance fazem com que o modelo de “perfeição” reconhecido por Lenu em Lila gere um forte sentimento de comparação que desencadeia em inveja, ou mesmo, comportamentos ou ações que configurem uma rivalidade.

Assim, as experiências sociocognitivas das personagens levantam o desvendamento de uma concepção sociocultural de fatores que lhes compreendem como, por exemplo, a aquisição do conhecimento e a expectativa sobre o ideal da aparência.

Na próxima seção, concentraremos-nos na proposição de reflexões literárias, compreendendo a contribuição dos aportes teóricos também dessa área para possibilitar

um percurso de discussão na percepção da construção das personagens e seus papéis diante da narrativa.

2 Contribuições literárias para “a amiga genial”

Como mencionado anteriormente, a obra de Elena Ferrante pode suscitar análises que levam em conta aspectos sociais, históricos, linguísticos, políticos, dentre tantos outros. Uma vez que este artigo visa trazer luz a aspectos que possam explicar a relação de amizade entre as duas personagens – Lila e Lenu –, olhando com mais atenção a rivalidade que subjaz essa relação, é interessante tentar compreender as personagens, de que formas elas podem ser construídas e o que influencia as suas colocações.

Candido et. al (1998), numa tentativa de estabelecer o papel da personagem de ficção, afirmam que é na obra literária que é possível se defrontar com “seres humanos de contornos definidos e definitivos”, seres humanos esses que “encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores” (p. 45).

Em uma passagem da obra, por exemplo, a personagem Alfonso Carraci é vítima de uma acusação por um dos amigos, que espalhou que o menino “não gostava de meninas, preferia os rapazes” (FERRANTE, 2015, p. 251). Ao saber do ocorrido, Lenu conta a Alfonso, esperando que ele usasse a violência para resolver a situação, como ela mesmo narra, comportamento que “era obrigatório naqueles casos” (FERRANTE, 2015, p. 251).

A expectativa de um comportamento padrão diante de um evento que pode ser definido como “prototípico” das relações naquele ambiente – uma vez que já se espera uma certa reação “naqueles casos” – revela que as personagens – e mais especificamente Lenu, pois ela, como narradora, é quem enuncia essa expectativa – balizam suas ações de acordo com atitudes de moralidade ou conduta coletiva que permeiam as relações daquele ambiente. Os autores reforçam essa influência do ambiente ao afirmarem que ao pensar nas personagens, pensa-se

Simultaneamente na vida que vivem, nos problemas que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, **referida a determinadas condições de ambiente.** (CANDIDO et. al, 1998, p. 53. Grifo nosso)

Nesse sentido, essa visão se coaduna com van Dijk (2012) em torno da concepção de ambiente na compreensão de que a ação está intimamente relacionada ao espaço em que ocorre, bem como, à dimensão do contexto social que compreende os aspectos culturais, individuais e dá sentido às experiências. Por isso, consideramos ambiente aqui como o local onde ocorrem os fatos e estes sofrem influências de diversos aspectos compreendidos ao entorno da narrativa, em uma interface entre prática social e experiências individuais.

Uma outra contribuição da teoria literária para a análise da relação entre Lenu e Lila, dada também por Candido et. al (1998), diz respeito à observação feita pelos autores de como a ideia que temos das personagens é manipulada, de forma que as personagens não são apresentadas de maneira completa, mas estrategicamente de modo fragmentário, dando ao leitor apenas elementos essenciais, que combinados, repetidos e evocados em diferentes contextos “nos permite formar uma ideia completa, suficiente e convincente daquela forte criação fictícia” (p. 68).

A caracterização das personagens Lenu e Lila – e aqui vamos considerar que se trata de uma escolha de Lenu o modo como descrevê-las, uma vez que ela quem escreve as memórias – evidencia uma certa intenção de destacar as diferenças entre as duas. Logo no início do enredo, enquanto apresentava tanto a si mesma como à amiga, Lenu escolhe para si características que a fazem ser concebida pelo leitor como uma menina estética e comportamentalmente aprazível.

Essas características são evocadas e repetidas ao longo da obra. Por essa razão, a personagem Lenu se autoapresenta em vários momentos da narrativa de forma positiva, de maneira a caracterizá-la.

(i) Eu era uma menina de caracóis louros, bonitinha, feliz de me exibir, mas não insolente, e transmitia uma impressão de delicadeza que enternecia. (FERRANTE, 2015, p. 40)

(ii) E só me fez elogios a distância, em alto e bom som, dizendo como eu era disciplinada, como era sensata, como lia o dia todo e até de noite. (FERRANTE, 2015, p. 208)

(iii) Sabia tudo de mim, sabia que eu fazia o ginásio, que eu era excelente na escola... (FERRANTE, 2015, p. 209)

Já as características escolhidas para descrever Lila, e as comparações e metáforas feitas nessa descrição, revelam a intenção da narradora em criar uma visão de

oposição à figura criada para si. Nesse caso, também há a repetição e evocação dessas características em outros contextos ao longo do romance.

(i) Sua rapidez mental lembrava o sibilo, o bote, a mordida letal. E em seu aspecto não havia nada que agisse de corretivo. Estava sempre desgrenhada, suja, com cascas de ferida nos joelhos e cotovelos que nunca saravam. Os olhos grandes e vivíssimos sabiam se transformar em fissuras atrás das quais, antes de qualquer resposta brilhante, havia um olhar que parecia não só pouco infantil, mas talvez nem humano. (FERRANTE, 2015, p. 41)

(ii) Nos momentos mais terríveis, quando a linha negra de sangue escorria pela panela de cobre, os olhos de Lila se tornavam duas fissuras ferozes. (FERRANTE, 2015, p. 78)

(iii) O imprevisível revelou-se apenas naquele ponto. Vi Lila perder a cor, se tornar palidíssima como era desde menina, mais branca que seu vestido de noiva, e os olhos tiveram aquela repentina contração que os transformava em fissuras. Tinha diante de si uma garrafa de vinho, e temi que seu olhar a trespassasse com tamanha violência que a fizesse em mil pedaços, com o vinho a esguichar para todo lado. (FERRANTE, 2015, p. 331)

Os aspectos aqui analisados, tendo como base a teoria literária, revelam duas questões importantes que podem auxiliar na compreensão da relação entre Lenu e Lila: *I.* o fato de que podemos levar em conta o ambiente como um dos fatores a revelar algumas atitudes das personagens diante da rivalidade e *II.* O fato de que o discurso pode ser direcionado de acordo com o modelo de contexto em que os personagens aparecem assumindo determinados papéis.

Partindo desses pressupostos, aspiramos aprofundar, nas próximas seções, a análise dessa relação entre as amigas – pois argumentaremos que se trata de uma amizade com uma rivalidade subjacente – à luz da teoria de contextos de van Dijk (2012), que compreende o contexto como um modelo mental subjetivo, individual e controlador do discurso, buscando entender de que forma as categorias *ambiente, evento, participantes* e “*eu-mesmo*” constroem e controlam o contexto possibilitando que a rivalidade entre elas deseje concebida.

3 A percepção do contexto na narrativa

A noção de contexto será aqui mobilizada para compreendermos aspectos pontuais diante da compreensão da relação texto/discurso na análise da obra *A amiga genial*. Para isso, torna-se importante traçar um percurso de entendimento sobre o que propõe van Dijk (2012).

Para o alcance da noção de contexto nessa análise, compreendemos o ambiente que envolve as amigas Lenu e Lila, bem como, os eventos comunicativos expressos na obra que permitem a percepção das situações basais que levantamos em nossas proposições de análise.

O teórico van Dijk (2012) ao propor os “modelos de contexto”, levanta um olhar à luz de uma interpretação subjetiva, sendo assim, para cada indivíduo preexiste um modelo que constitui cada situação. Assim,

os contextos não são um tipo de situação social objetiva, e sim construtos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados, a respeito das propriedades que para eles são relevantes em tal situação. (VAN DIJK, 2012, p. 87).

Buscamos compreender, por exemplo, a constituição dos modelos de contexto para a relação de amizade entre as amigas protagonistas da obra, e como os traços que condicionam essa relação são constituídos.

O modelo de contexto é produzido na obra subjetivamente e individualmente controlando o discurso a partir da perspectiva de Lenu, uma vez que a mobilização desse modelo nos permite uma percepção local e/ou geral na compreensão das interações entre elas propostas na narrativa.

Nessa perspectiva, tomamos van Dijk (2012) ao propor os traços contextuais relevantes, em que aponta os participantes e suas características, o cenário, os eventos e as ações, assim, entendendo que os contextos são flexíveis e dinâmicos, e por isso, torna-se crucial compreender essa constituição entre linguagem/contexto/interação. Para a compreensão do contexto e a estruturação discursiva proposta aqui, focaremos especialmente nas participantes Lenu e Lila.

Van Dijk (2012) sugere que “os modelos de contexto organizam os modos como nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global.” (p. 107). Dessa forma, a teoria compreendida aqui a partir da proposição de situações interacionais, revela como as experiências de cada personagem são sinalizadas no texto. E, para que isso aconteça, é necessária uma mobilização textual estratégica na construção da narrativa.

Uma possibilidade para essa compreensão pode ser apontada quando Lenu, ainda no início da narrativa, fala

Como sempre Lila exagerou, pensei. Estava extrapolando o conceito de vestígio. Queria não só desaparecer, mas também apagar toda a vida que

deixara para trás. Fiquei muito irritada. **Vamos ver quem ganha desta vez, disse a mim mesma.** Liguei o computador e comecei a escrever cada detalhe de nossa história, tudo o que me ficou na memória. (FERRANTE, 2015, p. 17. Grifo nosso.)

Se olharmos para esse trecho levando em conta as categorias de análise propostas por van Dijk (2012) – já mencionadas no percurso desse artigo – podemos compreender como o contexto é estrategicamente construído e mobilizado para que uma certa disputa seja estabelecida no modo como a relação delas é proposta na obra.

O autor toma como central para a análise do contexto a categoria *eu-mesmo* que, segundo ele, diz respeito a forma como o *Eu* representa o seu entorno no momento bem como o que está pensando, agindo, falando ou escrevendo (van Dijk, 2012). Anteriormente a essa passagem, Lenu recebe um telefonema de Rino, filho de Lila, dizendo que ela havia desaparecido sem deixar vestígios, sumindo com fotos e todo tipo de documento que fizesse menção a ela.

A percepção de Lenu (o *Eu-mesmo*) sobre a atitude da amiga é de que ela “exagerou”, “extrapolou” ao tomar tais decisões, o que leva a uma situação de ação-reação. A partir da enunciação dessa percepção do *eu-mesmo* sobre o *evento* “fuga/desaparecimento”, a narradora-personagem categoriza verbalmente sua *ação* – aqui compreendida como o ato de escrever as memórias sobre elas – como uma espécie de disputa, um parâmetro que talvez permeie toda a amizade, o que fica evidenciado (no trecho grifado no excerto acima) quando ela diz que “*dessa vez*” é ela quem vai “*ganhar*”.

Para van Dijk (2012), o *eu-mesmo* também é responsável por estabelecer *a relação entre os participantes*. No trecho analisado, Lenu reforça uma relação de cumplicidade e parceria longínqua entre elas quando diz que o que vai ser contado será a “*nossa história*”. A essa relação, podemos afirmar que se trata de amizade, como já argumentamos – pautados em conceitos filosóficos – na seção 1.

Até mesmo o *ambiente* em que essa cena acontece é propício para que Lenu assuma o controle do discurso e estabeleça essa disputa sobre a versão dos fatos a partir de sua imaginação, uma vez que se encontra sozinha diante do computador, o que possibilita que ela tenha controle total da situação.

Dessa forma, na passagem acima, a ação de Lenu ao ligar o computador e escrever os detalhes da história do que rememorava comporta a emoção diante da situação dada. Essa constituição é levantada pelas pistas textuais e pela compreensão contextual específica do que aqui tentamos propor.

Percebendo a fala de Lenu acima, compreendemos que os modelos de contexto explicam a recontextualização, ou seja, essa maneira pela qual Lenu reagiu ao propor a materialização dos detalhes da história a partir do registro físico, nada mais é do que uma maneira de recontar a história, muito embora, traga na sua fala as suas intenções.

Ainda nessa dimensão, podemos ilustrar um retrato das *relações entre os participantes* a partir das atitudes sociais que se vinculam ao *ambiente* na proposição da constituição contextual. Assim exemplificamos com a passagem a seguir,

Não tenho saudade de nossa infância cheia de violência.[...] Crescíamos com a obrigação de torná-la difícil aos outros antes que os outros a tornassem difícil para nós.[...] **os homens ficavam furiosos continuamente, mas no fim se acalmavam, ao passo que as mulheres, que eram aparentemente silenciosas, conciliadoras, quando se enfureciam iam até o fundo de sua raiva, sem jamais parar.** (FERRANTE, 2015, p. 30. Grifo nosso.)

A partir dessa noção estruturada de organização da sociedade e da forma como é constituída por Lenu em relação à disposição das relações, passamos a entender e considerar o que possa provocar os seus comportamentos que contêm uma ambivalência no vínculo afetivo constituído com Lila, ora revelando admiração e, em outros momentos, revelando uma rivalidade.

Na próxima seção, analisaremos outros trechos que consideramos importantes para compreendermos a rivalidade subjacente na relação de amizade entre elas, com foco em dois aspectos – já destacados na introdução – que parecem ser basais dessa rivalidade: *a aquisição do conhecimento* e o sentido *ideal de aparência física*.

4 Objetivos e intenções na concepção da amizade: hipóteses aplicadas à produção de sentido

É importante ressaltar que a rivalidade entre as amigas pode ser compreendida como um dos parâmetros de uma categoria maior, denominada *rivalidade entre as mulheres*, que é a base contextual da relação entre as personagens aqui analisadas. Assim, podemos associar essa discussão à proposta de van Dijk (2012) sobre *a relação entre os participantes* na constituição do contexto.

Como já discutido na seção anterior, Lenu assume o controle do discurso ao escrever suas memórias e estabelece, antes mesmo de começar a narrativa dessas lembranças, uma certa disputa que assumimos permear toda a amizade. Torna-se,

portanto, necessário revisitar de que forma o vínculo entre as duas amigas teve início e investigar o que está em jogo na base dessa relação para fomentar o posicionamento de que a rivalidade faz parte dessa amizade.

No início do romance, além de apresentar o bairro e de que forma as *relações entre as pessoas* se davam, conforme apresentamos na seção 3, há um outro *ambiente* que é fundamental na constituição dessa relação. Lenu conta que Lila apareceu em sua vida nos primeiros anos da jornada escolar e que, logo de cara, já se impressionou pela audácia da garota.

Ao pontuar que é na escola que elas se conhecem, estabelece-se uma relação que é anterior à amizade. Nesse ambiente, há dois tipos de relações entre os participantes que vale destacar, a relação “professor vs. aluno” e a relação “aluno vs. aluno”. Tais relações são fundamentais para o entendimento do que alicerça a amizade entre as garotas.

Quanto a relação “professor vs. aluno” há dois pontos que merecem destaque: o primeiro deles é o fato de que Lila era a única menina que não obedecia aos comandos da professora, o que a fazia se destacar das outras alunas, causando a admiração enunciada por Lenu; o segundo ponto é quanto à atenção e aos elogios da professora, que eram continuamente disputados pelos alunos e que geram uma certa rivalidade entre eles. Isso já revela um dos fatores que permeavam a relação “aluno vs. aluno” naquele ambiente, já que o embate era reforçado por pequenas competições estabelecidas pelos professores, entre as classes, para determinar quem tinha a melhor turma.

Toda essa série de fatores corrobora para que Lenu assuma sentimentos ambíguos em relação a Lila, já nos primeiros contatos entre elas. Tomemos o trecho abaixo para fomentar nossa argumentação

Na época já havia algo que me impedia de abandoná-la. Não a conhecia bem, nunca tínhamos trocado uma palavra, ***mesmo competindo continuamente entre nós, na classe e fora dela.*** Mas eu sentia confusamente que, se tivesse fugido com as outras meninas, lhe teria deixado algo de meu que ela nunca mais me devolveria. (FERRANTE, 2015, p. 16-17. Grifo nosso.)

Com base nas discussões sobre a compreensão da amizade à luz da psicologia, podemos entender que a relação entre elas não parte, necessariamente, de um elo amistoso, mas sim de uma conexão conflituosa, expressa pelo *eu-mesmo* como “confusa”. Ademais, o trecho acima, além de explicitar o caráter competitivo entre elas, revela um outro fator constitutivo importante dessa amizade. Mesmo sem ter certeza de

suas emoções, ao afirmar que se abandonasse Lila perderia algo impossível de ser recuperado, percebe-se que uma está conectada à outra em uma relação de *extensão* que fica evidente quando Lenu expressa isso diante do sentimento de posse associado à perda motivada pelo distanciamento das duas.

Compreendemos, então, que essa amizade é constituída tanto de uma relação de admiração, cumplicidade e extensão, o que as tornavam *amigas*, quanto de uma certa disputa, rivalidade, tornando-as, também, *contendoras*. O trecho a seguir é interessante para compreendermos esse caráter dual/múltiplo/complexo dessa amizade.

“Por que você não quer namorar com ele?”, **perguntou Lila em dialeto. Respondi imediatamente em italiano, para impressioná-la**, para que ela entendesse que, embora passasse meu tempo falando de namorados, não devia ser tratada como Carmela: “Porque não estou segura sobre meus sentimentos.” Era uma frase que eu tinha aprendido lendo *Sonho*, e Lila me pareceu tocada. Como se fosse uma daquelas **disputas** da antiga escola, **começamos uma conversa na língua dos quadrinhos e dos livros, o que reduziu Carmela a pura e simples espectadora.** (FERRANTE, 2015, p. 95-96. Grifo nosso.)

Antes de tudo, contextualizaremos o excerto acima: Lila aceita o fato de que não poderá mais seguir com os estudos e passa a exercer alguns papéis que esperam que ela desempenhe, papéis estes como ajudante da loja de sapatos da família e dos afazeres domésticos; isso faz com que ela se afaste um pouco de Lenu, que segue com os estudos. Com esse distanciamento, Lenu passa a se aproximar um pouco mais de Carmela, uma garota do bairro da mesma idade das duas e que também havia frequentado a escola fundamental com elas.

Ao saírem da igreja, em uma manhã de domingo, as três decidem sentar-se e estabelecerem uma conversa íntima sobre amor. Ao ser interpelada por Lila, Lenu decide “reorganizar” as *relações entre os participantes* presentes nesse evento. A narradora, ao responder em italiano, tem a intenção de retomar esse vínculo de cumplicidade entre as duas, apartando Carmela dessa relação.

Apesar da retomada dessa cumplicidade, a disputa ainda é subjacente. Lenu respondeu nesta língua também sob a justificativa de impressionar Lila, ou mesmo intimidá-la já que respondera em língua de prestígio oficial. Não obstante, Lenu ressalta as disputas no contexto escolar e revela que a língua naquela fase da vida já aponta determinados comportamentos de escolhas que refletiam no aspecto interacional/social.

Nesse sentido, a disputa assume um caráter de aproximação, que não manifesta um sentido negativo. A rivalidade, nesse momento, não se ancora

necessariamente em atitudes conflituosas, mas em uma condição de semelhança. Destacar esse fato é fundamental uma vez que, mesmo assumindo a rivalidade como fator constitutivo dessa amizade, não propomos a existência de uma inimizade, por entendermos justamente que a rivalidade pode vir ancorada em diversos fatores.

Este outro trecho, por exemplo, mostra mais uma vez que a disputa não é necessariamente negativa.

Ela me perguntava sobre as matérias que eu veria naquele dia, sobre o que eu tinha estudado, e queria respostas precisas. Se eu deixasse de responder direito, ela me cumulava de questões que me angustiavam por talvez não ter estudado o suficiente, por não ser capaz de responder aos professores assim como não era capaz de responder a ela. Em certas manhãs frias, quando me levantava ao alvorecer e repassava as lições na cozinha, tinha a impressão de que, **como sempre, eu estava sacrificando o sono quente e profundo da manhã para fazer bonito diante da filha do sapateiro, e não com os professores da escola dos ricos. Até o café da manhã era apressado por culpa dela.** (FERRANTE, 2015, p. 150-151. Grifo nosso.)

Nesse trecho Lenu caracteriza como “sacrifício” todo o esforço que tinha para estudar as matérias escolares para responder às inúmeras questões feitas por Lila continuamente e que a angustiavam caso não soubesse respondê-las. Lenu, então, tem a percepção que toda essa dedicação era na verdade para impressionar alguém que, teoricamente, era inferior a ela, o que pode ser percebido pelo modo como ela caracteriza a amiga (“filha do sapateiro”).

Esse fato pode ser tomado como resultado da rivalidade que subjaz a relação entre elas e que faz com que Lenu não se permitisse ficar por baixo de Lila. No entanto, Lenu é, na verdade, puxada pela exigência de Lila, que não estudava mais, mas tinha expectativas sobre o desempenho da amiga uma vez que, se tomarmos, como já argumentamos, que uma é a extensão da outra, Lila almejava o sucesso de Lenu, já que ela não poderia mais seguir com os estudos.

Diante do exposto até aqui, evidenciamos que a relação das duas pode ser descrita como possuindo um caráter de “rivalidade x cumplicidade”. No que diz respeito à rivalidade, que é o foco desse artigo, compreendemos como um dos aspectos para a disputa *a aquisição do conhecimento*.

Argumentamos em favor dessa hipótese uma vez que a relação entre elas, antes mesmo de se tornar uma amizade, já tinha o conhecimento, no ambiente escolar, como foco de disputa que, como já exposto no trecho 1 desta seção, vai para fora dos muros da escola, o que pode ser percebido no esforço de Lenu para impressionar Lila tanto usando o conhecimento linguístico quanto o conhecimento escolar de modo geral.

Há, no entanto, um outro aspecto que gera essa rivalidade que consideramos importante explicitar, uma vez que aparece em diversos momentos no romance analisado, e que diz respeito a um *ideal de aparência física*.

Para entendermos o contexto desse aspecto, precisamos rememorar alguns cenários sociais de disputa feminina em que ele parece sempre estar a nível de comparação. Lenu revelava uma certa dificuldade em relação a parâmetro de beleza por conta da estrutura física de sua mãe, no entanto, essa referência, bem presente em sua memória, possibilitava que ela pensasse sobre alguns aspectos mais pontuais.

Lenu estabelece, quanto a esse aspecto, um controle discursivo que pode ser percebido através de estruturas comparativas, principalmente quando se referia a Lila, que variavam entre momentos em que se colocava como inferior à amiga e momentos em que se via como superior.

Como argumentado anteriormente, a relação entre elas já surge fundamentada em um sentimento ambíguo por parte de Lenu, o que faz com que ela, enquanto *eu-mesmo* (van Dijk, 2012), leve essa ambiguidade para o discurso nos momentos em que caracteriza a aparência física da amiga, balizada em um padrão de beleza que tem a mãe como figura a ser evitada.

A audácia, a determinação e a coragem de Lila são as características que suscitam a admiração por parte de Lenu, características essas que a narradora assume não possuir. Isso reflete, ao longo de toda a narrativa, em um sentimento de inferioridade que se estende também a aspectos relacionados à aparência.

No trecho abaixo, Lenu percebe uma situação em que tem a oportunidade de se sentir superior a amiga

Lila ficou nos ouvindo sem dizer nada, ou quase. Perguntamos se ela já tinha o sangue como nós e a vimos hesitar, depois, de má vontade, disse que não. **Num instante me pareceu pequena, menor do que sempre a vira até então. Era uns seis ou sete centímetros mais baixa, toda pele e ossos, palidíssima apesar dos dias ao sol. E tinha sido reprovada. E nem sabia o que era o sangue. E nunca nenhum menino lhe fizera uma declaração.** “Um dia você também vai ter”, lhe dissemos com um falso tom de consolo. “Que se foda”, disse, “eu não tenho porque não quero ter, me dá nojo. E também sinto nojo de quem tem.” (FERRANTE, 2015, p. 86-87. Grifo nosso.)

Analisando o excerto, todo o sentimento de superioridade é marcado por estruturas comparativas aplicadas a aspectos da aparência física de Lila que a fazem “menor” que Lenu.

Aqui, ao contrário do exposto no segundo excerto dessa mesma seção, a narradora se distancia da amiga, estabelecendo uma relação de proximidade com as outras participantes, que a consolam falsamente. Dessa forma, podemos dizer que Lenu usa a expectativa de uma aparência física ideal para estabelecer um embate com Lila.

Compreendemos que a aparência física de Lila não era central dessa rivalidade, mas sim era um recurso utilizado por Lenu em diversos momentos para minimizar a amiga em vários aspectos a fim de não se sentir inferior o tempo todo. Vejamos no trecho a seguir como isso se dá na narrativa

Página | 292

A conversa, os conselhos que ela me dera, seus efeitos tinham causado tanta impressão em Carmela Peluso que ela terminou contando tudo a quem quisesse ouvir. **O resultado foi que a filha do sapateiro, que não tinha seios, não menstruava e nem sequer tinha um admirador se tornou, no intervalo de poucos dias, a mais confiável conselheira sobre as coisas do coração.** (FERRANTE, 2015, p. 96. Grifo nosso.)

O trecho acima ilustra um momento em que Lenu resolve seguir um conselho de Lila sobre uma proposta amorosa que recebeu de um dos meninos do bairro. A sugestão de Lila surte um efeito positivo e isso desperta, nas outras meninas, mais especificamente de Carmela, uma confiança nela sobre conselhos amorosos.

Todo esse evento faz com que, dessa vez, Lenu se sinta apartada da relação estabelecida entre os participantes já que o vínculo instituído entre as duas agora era compartilhado por outras meninas, que Lila ouvia e aconselhava.

Esse trecho é ilustrativo de um embate direto entre elas. Lila, nesse momento, ainda está se conformando com o fato de não poder ir à escola e vê na confiança das outras meninas uma oportunidade de se sobressair à amiga que continua com os estudos. Lenu, por outro lado, utiliza essa expectativa sobre um ideal de aparência física como um parâmetro para diminuir Lila, que a ignora por um tempo para dar atenção a outras pessoas.

O que pretendemos mostrar com esse artigo é que de fato em *A amiga genial*, Lenu e Lila estabelecem uma relação genuína de amizade, que será duradoura e as acompanhará ao longo de toda uma vida. No entanto, entendendo amizade como uma relação cheia de nuances, argumentamos que subjacente a esse sentimento de cumplicidade e admiração mútua, há uma rivalidade que baliza algumas das atitudes que fazem parte dessa história.

As categorias estabelecidas por van Dijk (2012) foram basilares para essa análise uma vez que elas funcionam como parâmetros que estão em jogo na construção e recepção dos contextos. Assim, acreditamos que é exatamente essa relação “cumplicidade x rivalidade” que faz com que Lenu e Lila tenham uma amizade genial.

Conclusão

Ao compreender a relação de amizade entre as personagens Lenu e Lila na obra "*A amiga genial*" propusemos reflexões que nortearam uma compreensão dos comportamentos e atitudes diante de modelos individuais de emoções basais e de construção contextual da relação entre elas. Para isso, pautamo-nos nas categorias de van Dijk (2012) - *ambiente*, *o evento*, *as participantes* e o “*eu-mesmo*” – para a compreensão de contexto.

Dentre essas emoções, destacamos que a amizade, desde a infância, desencadeia uma comparação e, por fim, constitui uma rivalidade ao longo da narrativa que pode ser percebida discursivamente pela tessitura textual.

Dessa forma, definimos como aspectos para caracterização da rivalidade pontos como *capital simbólico* e *a noção idealizada de aparência física*. Assim, pudemos perceber que a rivalidade se materializa diante de diversas nuances na relação entre as amigas e, por isso, torna ainda mais sensível essa compreensão diante do que elas falam e fazem.

Portanto, consideramos que esta pesquisa é de ampla relevância para traçar contribuições ao estudo do texto e seus desdobramentos bem como às proposições de reflexões no que diz respeito à construção de Ferrante nas dimensões linguísticas e literárias, uma vez que nos pautamos nas experiências individuais das personagens e na forma pela qual elas lidam com os contextos que retratam discursivamente a rivalidade.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Mário da Gama Kury. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

BULLARO, G.R., LOVE, S.V., Introduction: Beyond the Margins: “Ferrante Fever” and Italian Female Writing. In Bullaro, G.R., Love, S.V. **“The works of Elena Ferrante: reconfiguring the margins”**, Palgrave MacMillan: 2016

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. 9 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.** Tradutor Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

FERRANTE, E. **A amiga genial.** 1 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

WINNICOTT, D. W. A localização da experiência cultural. In D. W. Winnicott. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LANGUAGE AND CONTEXT: ANALYSIS OF RIVALRY BETWEEN
CHARACTERS IN THE NOVEL “MY BRILLIANT FRIEND” BY
ELENA FERRANTE

Abstract

In this study, we intend to discuss in the light of the concept of context, proposed by van Dijk (2012) and based on literary reflections suggested by Candido et. al. (1998), the construction of the friendship relationship in the novel “My brilliant friend” by Elena Ferrante, focusing on the understanding of the rivalry between the characters Lenu and Lila. Therefore, we approach philosophical and psychological concepts to understand the attitudes towards the relationship between the characters, during certain moments of the novel. In this way, we will take the rivalry parameter under two aspects; rivalry in the sense of knowledge acquisition and rivalry related to an ideal of physical appearance considering van Dijk's (2012) categories such as environment, event, participants and “myself”. We intend to analyze how some of the social and behavioral properties of the ongoing communicative events are integrated in the novel, for example, the roles of the two main characters in the novel, on the one hand, and the intentions and motivations on the other. As participants in communicative events in the novel, Lenu and Lila relate in various ways, taking on the roles of friends and contenders at the same time. Considering these roles, we seek to observe how the socio-cognitive category “rivalry between women” structures the communicative events in which the characters-friends act.

Keywords

Elena Ferrante. My brilliant friend. Context. Friendship. Rivalry.

Recebido em: 30/07/2021

Aprovado em: 06/01/2022